
**A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL NO
CONTO "UMA ESPÉCIE DE HERANÇA", DE
CINTIA MOSCOVICH.**

Tamara dos Santos

Graduanda em Letras do sétimo semestre da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica CNPq, integrante do projeto História da literatura do Rio Grande do Sul, coordenado pelo professor doutor Luis Augusto Fischer. E-mail para contato: tamisantos07@bol.com.br

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL NO CONTO "UMA ESPÉCIE DE HERANÇA", DE CINTIA MOSCOVICH.

CONSTRUCTION OF SOCIAL SPACE IN THE SHORT STORY "UMA ESPÉCIE DE HERANÇA", BY CINTIA MOSCOVICH.

Tamara dos Santos

RESUMO

O presente trabalho busca investigar como se constrói o espaço social no conto "Uma forma de herança", texto que finaliza a obra *Essa coisa brilhante que é a chuva* (2012, finalista Prêmio Portugal Telecom) de Cíntia Moscovich, escritora gaúcha de origem judia. É proposta uma leitura em que o espaço, a casa que a personagem recebe de herança do pai, é uma metáfora que alude à herança judaica, em uma tentativa de saber de que maneira lidar com ela no período atual. Para isso, será estabelecida relação entre os conceitos de utopia e heterotopia presentes nos textos de Michael Foucault, e o conceito de habitus na construção do espaço social de Pierre Bourdieu.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura. Literatura sul-riograndense. Identidade. Espaço.

ABSTRACT

This paper examines space's relations in Cintia Moscovich's tale "Uma forma de herança", published in *Essa coisa brilhante que é a chuva* (2012, Prêmio Portugal Telecom finalist). She is a gaúcha writer of Jewish origin. It is proposed a reading in which that space (the house that the main character receives as heritage) is a metaphor alluding to Jewish heritage in an attempt to understand how to deal with this in these times. This analysis deals with conceptions as utopia and heterotopia, by Michel Foucault, and with the habitus conception in construction of space by Pierre Bourdieu.

KEYWORDS:

Literature, Rio Grande dos Sul's literature, identity, space

ESPAÇO: UM DOS NORTES DA NARRATIVA

As análises literárias das narrativas em geral acontecem a partir de aspectos estruturais, que permitem aos leitores e críticos entender tanto o funcionamento do elemento analisado dentro da narrativa como estabelecer relações com o exterior da narrativa. Partindo do pressuposto de que uma obra estética está contaminada de seu tempo, há elementos dela que podem remeter para o exterior da obra, que podem ajudar a iluminar alguma dinâmica social que não estamos acostumados a analisar sem um olhar mais atento. De certa forma, é este um dos papéis da literatura, e da arte no geral, o de fixar as dinâmicas sociais de seu tempo e dar forma estética a elas. O papel do estudioso de literatura pode ser entendido então como o de tentar elucidar as relações entre forma social e forma estética.

Dos elementos que compõem uma narrativa (personagens, conflito, ambiente, tempo, espaço, etc.) (D'ONOFRIO, 1995), talvez seja o espaço um dos que menos foi contemplado com estudos até bem pouco tempo atrás. Ainda que seja um elemento vital para o transcorrer de uma narrativa, outros elementos chamaram a atenção dos estudiosos, tal como os personagens ou o conflito, influência dos estudos formalistas e da ditadura militar até o meio dos anos 1980. Há pouco foi recuperado pelos estudos de literatura comparada, que vem realizando estudos que qualificam o espaço e dão estatuto a sua importância para o decorrer e a compreensão plena de uma narrativa. Michel Foucault diagnostica a existência de um importante traço na cultura que vem se tornando cada vez mais claro durante nossos dias (BOURDIEU, 2003) – o entrecruzamento entre tempo e espaço. Para sustentar a afirmação, é feita uma retomada da história do espaço no ocidente, o que no ensaio define uma crise de natureza humana, que aparece nas diferentes formações culturais, definido principalmente pelo problema do posicionamento humano no mundo. A ficção assume em parte de si essa busca por uma resposta convincente de como o ser humano se localiza no mundo, de como ele se define em espaços que não são apenas físicos, mas também culturais, sociais e simbólicos. Desta maneira, o elemento espaço pode ser o principal fator relevante de um texto literário, a depender do propósito explorado pelo autor.

Ainda no texto referido acima, Foucault traça um panorama das concepções sobre espaço, principalmente sobre o espaço contemporâneo, que ainda não está totalmente dessacralizado (ele comenta sobre as separações dadas como nítidas como a de espaço público e espaço privado, por exemplo, que no Brasil não parece estar clara) assim como o define

como heterogêneo. Há uma distinção entre dois tipos de espaço, o espaço utópico (aquele que não tem posicionamento real) e o espaço heterotópico (que são lugares reais). Foucault propõe que:

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias (...) (FOUCAULT, 2003, p.415)

Ao decorrer da conferência há uma segunda distinção entre as heterotopias, que podem ser de dois tipos: heterotopia de crise ou heterotopia de desvio. As heterotopias de crise seriam então lugares “privilegiados, ou sagrados, ou proibidos, reservados aos indivíduos que se encontram, em relação à sociedade e ao meio humano no interior do qual eles vivem” (FOUCAULT, 2003, p. 416). Esses lugares seriam como um lugar em que certos grupos de indivíduos excluídos se encontram, como em um limbo social. Já as heterotopias de desvio, cada vez mais frequentes no tempo contemporâneo, de acordo com o autor, seriam os espaços em que os indivíduos cujo comportamento desvia em relação a média ou à norma exigida.

Conforme as categorias estabelecidas por Foucault, podemos pensar o espaço heterotópico de desvio auxiliados pela teoria de espaço social cunhada por Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1990)¹. Em síntese, um dos conceitos-chave para o pensamento dele são os *habitus*, um grupo de estruturas mentais, características, de maneiras de agir, que um determinado sujeito possui (formado no meio social) e que o caracteriza na sociedade. Neste sentido, “o espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida” (BOURDIEU, 1990, p.160). Este sujeito geralmente possui em si características que vão para além da subjetividade:

“O mundo social pode ser construído de diferentes maneiras, de acordo com diferentes princípios de visão e divisão – por exemplo, as divisões econômicas e as divisões étnicas. (...) a força das diferenças econômicas e sociais nunca é tamanha a ponto de impedir que se possa organizar os agentes segundo outros princípios de

¹ “Espaço social e poder simbólico”. BOURDIEU, P. Espaço Social e Poder Simbólico. In: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

divisão – étnicos, religiosos ou nacionais, por exemplo”. (BOURDIEU, 1990, p. 159-160)

Os espaços sociais são espaços já pré-estruturados desde quando o sujeito nasce até que ele construa sua identidade. São estes *habitus* criados pelas pessoas com quem se convive, com as opções de gosto e estilo de vestir, crenças religiosas que podem definir os espaços heterotópicos de desvio. Para pensarmos como acontecem as relações de espaço (principalmente a respeito da imagem da casa) no conto “Uma forma de herança”, vamos utilizar esta noção de espaço heterotópico de desvio, assim como tentaremos estabelecer uma relação simbólica entre esta imagem e a herança da tradição judaica. A partir da afirmação de Ricardo Piglia (PIGLIA, 2004) de que o conto trata sempre de duas histórias, faremos a análise de que este conto trata de uma revisão da tradição judaica passada de pai para filho.

ESPAÇO SOCIAL E TRADIÇÃO JUDAÍCA

“Uma forma de herança”, o conto final de *Essa coisa brilhante que é a chuva*, de autoria de Cíntia Moscovich (MOSCOVICH, 2012), põe em evidência um dos elementos estruturais, o espaço, que assume dentro da narrativa o papel de personagem. Raramente se encontram contos em que o espaço assuma papel tão importante como neste, o que parece apontar para outro significado, oculto, segundo a teoria do conto de Piglia (PIGLIA, 2004). Supõe-se que, ao organizar o livro, o contista em geral estabelece uma hierarquia para que o conjunto cause um determinado efeito no leitor; nesse sentido, este conto certamente é bastante significativo, por ser o último e o mais longo.

O conto trata de uma protagonista sem nome que recebe de herança de seu pai uma casa, e não sabe o que fazer com ela. A casa serviu de espaço para o funcionamento de várias empresas, e por mais tempo de uma creche infantil. Durante a infância, a família da protagonista ia visitá-la aos finais de semana. A estrutura narrativa se constrói entre digressões em que a voz narrativa em primeira pessoa nos dá as informações sobre passado e presente. Bem no começo do conto podemos ver um dos fios narrativos que servem para lume de nossa análise, em que o pai da personagem argumenta com os filhos sobre o valor da terra:

O pai costumava repetir que, quando tivesse dinheiro suficiente, iria construir: edifícios, lojas, garagens, armazéns, apartamentos, vagas de estacionamento. Como a demonstrar o valor de ser dono de um pedaço da superfície do globo, e mesmo que a gente já estivesse careca de saber, ele batia o pé no chão e sentenciava:
- Terra não se vende, terra só se compra”. (MOSCOVICH, 2012, p. 102)

Podemos encarar este valor da terra, que pode servir de palavra intercambiável para origem, um tipo de alusão à cultura judaica. O espaço da casa, uma herança de família passada de pai para filho, serve de símbolo para a herança judaica que se perpetua através do tempo. Há outros rastros ao longo do texto que nos permitem a análise de que a casa, ou a terra “conquistada”, herdada por origem familiar, exerce um valor a ser zelado por quem a possui, como, por exemplo, quando o pai comenta com a família que os imóveis garantiriam teto, sustento e tempo, para que não houvesse dependência dos outros para a sobrevivência. Mais do que isso: observe que a enumeração de elementos serve para a leitura alegórica; teto, um lugar que se tem como origem e ponto de referência caso a pessoa venha a se desviar do objetivo (exercer o judaísmo); sustento, com o qual a família podia garantir sua sobrevivência, tanto física quanto espiritual, (já que o judaísmo é uma relação pessoal e sensorial); tempo, para que se possa exercer o legado que eles receberam.

Depois da morte do pai, o compromisso de zelo passa para a filha e por isso a casa fica para ela, que em um primeiro momento não sabe o que fazer. No início, o plano do pai da personagem era construir um edifício baixo, com apartamentos bons – a casa que estava ali era antiga, da década de trinta, embora “tivesse um belo telhado de duas águas e janelas com vidros hexagonais”, de acordo com a descrição da personagem, um plano que acaba por não ser levado adiante, pois o pai acaba ficando doente. Essa casa pode ter sido solidificada em 1930, quando o pai poderia ter firmado-se na sua condição de judeu migrante (algumas linhas depois será referido que a família da personagem fugiu para o Brasil há algumas décadas).

Um dos indícios da ética judia está em uma passagem em que a personagem reproduz a voz do pai, como em “Deus nos livrasse depender da boa vontade alheia”, pois eles se veem como uma comunidade fechada, que não pode depender de outros que partilhem desta comunidade também; outro indício é quando ela afirma que o pai era módico em elogios, (MOSCOVICH, 2012, p. 103), pois os judeus, como a história pode nos mostrar, foram sempre vistos como pessoas à parte e fechados em si mesmos, interessados em manter a unidade familiar e social de seu grupo, geralmente vistos à margem dos outros povos, como se estivessem a proteger e honrar a herança que receberam através de Moisés e do Deus judeu, depois de se libertarem do Egito. Os judeus se entendem como o povo escolhido, como a própria palavra *judeu* indica, “filhos de Jacó”, os que receberam uma missão de adorar a Deus

de uma maneira diferenciada do que fazem os outros povos. Nesse sentido, depender de alguém que não fosse judeu seria o mesmo que depender de algo que não tem retorno garantido, de quem não compartilha a responsabilidade. Com a pouca abertura que existe para a entrada de outras pessoas e culturas em sua cultura, devido ao fechamento do grupo social judeu, e também com os motivos históricos que servem de respaldo para tal comportamento (tal como a perseguição que eles sofreram desde séculos), o estabelecimento de pensamentos como esse de não depender de boa vontade alheia servem também para manter a unidade familiar intacta.

Nos passeios de fim de semana, o pai fazia os filhos descerem para admirar a casa, e todos ficavam de mãos dadas, além de conversar com um vizinho que costumava ir cumprimentá-los toda vez que apareciam para ver o terreno. A personagem diz que “Eu não achava graça nenhuma em ser dono de uma casa se a gente nem podia entrar nela” (MOSCOVICH, 2012, p. 106), ou seja, eis aqui um reconhecimento de que havia algo que pertencia a todos os componentes da família, a casa, mas que nenhum deles tinha acesso direto, havia uma hierarquia em relação ao acesso. Neste momento, não parecia compreensível para a personagem qual era o valor daquela casa, ou o que ela significaria no futuro. A personagem nos conta que seu pai era filho de imigrantes pobres, que podemos interpretar como judeus, e que conseguiu a duras penas conquistar o que possuía. Em uma descrição, os inquilinos eram bastante mal vistos pela família, porque era “gente que tratava imóvel dos outros como a casa de alguma mãe-joana, que fazia furos nas paredes, que arrancava a louça dos banheiros, que queimava com cigarro o carpete: inquilinos eram vândalos, bárbaros, selvagens” (MOSCOVICH, 2012, p. 105).

Se pensarmos na alegoria que estabelecemos até aqui, podemos pensar na relação simbólica entre essa má visão dos inquilinos e a forma como os judeus encaram os não-judeus, os *gói*². Nesse sentido, aquele que não conhece e não nasceu na tradição possivelmente é aquele que pode não tratar com tanto respeito algo tão valioso e sagrado. Ainda que haja uma exceção, pois de todos há apenas uma boa inquilina, a dona da creche, dona Eurídice, que “continuava pagando o aluguel da Aviãozinho Vermelho como religião”

² *Gói* é uma palavra originada do hebraico que significa “povo”, mas que para as pessoas de origem judia utilizam para se referirem a quem não é judeu.

(MOSCOVICH, 2012, p. 109). Então vem a morte do pai, de repente, que acontece do nada e deixa a família sem chão:

“Depois disso, a perda do pai se impôs tanto que era difícil escapar de um sentimento melancólico a cada vez que eu abria a porta de casa, sentava à mesa das refeições eu simplesmente recebia os jornais e o maço de correspondências que o porteiro da casa entregava. Foi por esse sentimento de perda que parecia incontornável que passei a evitar qualquer trajeto que passasse diante da Casa do Marquês e de todas as promessas de futuro que ela havia sugerido ao pai”.
(MOSCOVICH, 2012, p. 108)

A filha não consegue mais olhar para a casa porque gera uma grande frustração. Se optarmos pela chave alegórica, a filha, que provavelmente estava na fase dos questionamentos, não conseguia aceitar que a crença religiosa poderia ser uma mentira, e o pai dela não tivesse ganhado nada por seguir a conduta judaica ou ainda não se sentisse preparada para lidar com o peso da tradição, e prosseguir em sua manutenção. É como se a personagem virasse às costas ao seu passado, a Deus e a tudo que o passado representa e quisesse deixar para trás. De acordo com Guttman (GUTTMANN, 2003), estudioso da filosofia judaica, a caracterização de Deus difere entre as concepções religiosas, e o monoteísmo judeu crê em uma relação entre duas personalidades morais, e nesse sentido as pessoas têm o livre arbítrio para escolher se manteriam ou não a relação com Deus:

O seu traço definitivo é que não se trata de um monoteísmo baseado em uma idéia abstrata de Deus, porém em um divino poder da vontade que governa como realidade viva a história. Este voluntarismo ético implica uma concepção inteiramente personalística de deus e determina o caráter específico da relação entre Deus e o homem. É um relacionamento ético-volitivo entre duas personalidades morais, entre um “Eu” e um “Tu”. Assim como Deus impõe Sua vontade à do homem, do mesmo modo o homem torna-se cômico da natureza de sua relação com Deus. (GUTTMANN, 2003, p. 29)

Pelo que vemos no conto, é como se a personagem estivesse de costas virada para as suas responsabilidades e principalmente para o Deus judeu. Como o homem tem uma relação de livre arbítrio para escolher se quer ou não permanecer em contato com o seu Deus, e no momento ela não quer esse contato. O tempo passa, e a marcação temporal se dá com a enumeração de ex-namorados da personagem, que por acidente conhece um rapaz que trabalhava em uma agência de publicidade que prestava serviço a fábrica de sua família (outro sinal de cultura judia, já que os pais geralmente prezam que os filhos trabalhem em seu negócio, para ampliá-lo e a fim de manter a união).

Quando a dona Eurídice foi encontrada morta dentro da cozinha da creche, a casa passa a ficar desabitada, não há mais postergações, ou no sentido alegórico então não há mais

quem cuide dos costumes, agora que ambos os mantenedores da crença estão mortos. A mãe não consegue alugar a “Casa da Marquês”, nem os filhos fazem questão de que ela seja alugada. Um momento de dificuldade se aproxima: os negócios com a fábrica vão de mal a pior, a tentativa de montar uma filial em Minas Gerais “dá com os burros n’água” e a família já não sabe o que fazer. Neste momento, a personagem, recém-casada com Ricardo, volta a pensar na “Casa da Marquês” pois não acha outro lugar que a agrade para morar. A mãe apresenta a ideia de que eles morem na casa, e a filha recusa de imediato:

- A casa está abandonada e feia, mas reformas existem para isso.
- Eu fiz a pergunta que continha uma esperança:
- Por que a gente não vende a casa e eu compro um apartamento?
- A mãe balançou a cabeça em um gesto de desaprovação:
- Porque terra não se vende, terra só se compra. (MOSCOVICH, 2012, p. 113)

A postura da mãe é a de quem não é a favor de vender, uma postura quase estoica, de quem precisa se resignar com o que a vida reservou para si, ao mesmo tempo em que manter a terra sob suas posses está totalmente alinhado ao que o pai, como patriarca da família, acreditava, estabelecendo uma tradição que deve ser perpetuada pelos mais jovens, a filha tendo por responsabilidade manter a tradição, o que pode ser percebido também como uma responsabilidade de manter os valores judaicos. A personagem praticamente é obrigada a se deparar com suas origens outra vez, seja no sentido simbólico, seja ao ter que encarar o passado, ainda que quisesse fugir dele. É como se a herança se manifestasse, como se agora ela fosse quase que obrigada a encarar e travar relações com seu Deus, ter a relação com o fundamento da religião tal como apontado por Guttman, que urgentemente precisava estabelecer. “Um dia ensina o outro dia”, é a solução que ela encontra, ao se preparar para essa volta tão pouco desejada por ela naquele momento, mas que é um traço constitutivo de si. Ao ir para a casa, ela encontra um lugar com rachaduras, fendas, infiltrações, entre outros indícios de que o lugar estava desabitado há tempo. O impulso era de virar as costas e deixar a casa, mas tanto a mãe quanto Ricardo se oferecem para ajudar na reforma. “Quanto a mim, me parecia muito injusto começar a vida reerguendo escombros. (...) Me resignei com a ideia de que era até sorte o pai não ter visto aquilo” (MOSCOVICH, 2012, p. 114) a postura da personagem é a de quem não consegue aceitar as frustrações que povoavam sua memória, as decepções que tinha em relação aos sonhos não realizados do pai. “Uma pessoa com lágrimas. Naqueles dias, descobri que eu era isso, um ser choroso: nunca senti tanta falta de meu pai. Tudo me fazia lembrar dele e do que ele teria a dizer sobre uma situação como aquela”

(MOSCOVICH, 2012, p. 126-127). Esta é uma alegoria em que a casa pode assumir o valor de judaísmo, já que ela passa a ser um lar para essa recém-formada família judia, que não tem espaço próprio nem negócio para cuidar. Ao mesmo tempo, a casa em si passa a ser um refúgio, um espaço a ser transformado em lar – um lugar prestes a passar por uma metamorfose, que se caracteriza aqui como um espaço heterotópico de desvio. O conceito de heterotopia serve neste momento para que pensemos no isolamento da cultura judaica no espaço social, em que as famílias ainda prezam o manter-se em pares que não fujam aos *habitus* praticados pelo grupo judeu. Foucault descreve a heterotopia de desvio como um espaço em que os indivíduos se afastam da maioria, e é a maneira em que os judeus estão retratados no conto, em que é mostrado que a herança judia precisa ser zelada por aqueles que a detém, ou seja, estes “novos” responsáveis por ela não devem se perder no meio do caminho e assumir outros espaços, pois devem cuidar do que eles já têm. Outro traço importante é que este “isolamento”, este não assumir outros espaços prioritariamente, deve ser mantido.

A partir do momento em que o casal decide aceitar a herança, começa a surgir no caminho deles uma nova perspectiva. O marido é contratado em uma empresa perto da nova moradia deles, com um excelente salário. A esposa começou a fazer alguns preparativos, dentre eles contratar alguém para limpar o pátio e dar origem ao que seria o jardim da casa. Nada seria fácil dali para frente, pois as condições da casa estavam precárias, os especialistas disseram que a estrutura da casa estava condenada por cupins. A protagonista mostra-se arredia, mas o esposo a convence de que eles haviam aceitado ficar com a casa, e que deveriam honrar a decisão. Há certa hesitação, já que a personagem não quer ficar estagnada, gostaria de não ter de arcar com o passado e manter uma unidade com deveres que não aceitara. Ela não quer este espaço heterotópico de desvio, pois não é um bom desejo ficar afastada da maioria das pessoas.

Neste momento há uma mudança na postura da personagem, que decide aos trancos e barrancos aceitar a tal herança – mesmo que haja uma grande resistência, pois ela pede ao amigo arquiteto de seu marido que a empresa onde trabalha faça uma proposta para comprar o terreno (e quando esta proposta é feita de fato, ela a recusa). Rodeada por obstáculos, a reconstrução da casa é levada a sério e apenas desta maneira a personagem se sente bem: “Na verdade, comecei a considerar que a Casa do Marquês era uma cortesia póstuma do meu pai, uma delicadeza que sobrevivia nas paredes tão robustas e no telhado de

suas águas” (MOSCOVICH, 2012, p. 132). É que ela enfim decidiu aceitar ocupar de fato este espaço heterotópico de desvio, de assumir a diferença e lidar com ela, este valor passado de pai para filha; podemos correlacionar o fato de ser uma casa o que ela recebeu como herança do pai à crença judaica presente no livro de Guttmann (GUTTMANN, 2003) de que um dos valores de base do judaísmo é a providência, como se houvesse um plano maior que estivesse com todos os acontecimentos em conta (até mesmo essa descrença da personagem, que precisou passar por alguns desastros para voltar para seu caminho, para as tradições, prevista por outros princípios) e esta necessidade da personagem de ter um lugar para morar fosse já prevista.

A tradição é retomada inclusive na composição da casa, que recebe vários móveis que foram dos pais ou dos familiares – um sofá que é reformado, e pertencera à mãe da personagem, os moveis trazidos pelo esposo.

Depois de passados seis anos, a casa fica pronta. O tempo de reforma pode ser uma alegoria de que o casal levou um grande tempo para conseguir se readaptar a realidade de viver em um lugar diferenciado, e de assumir seus valores. Depois de todo o trabalho que os personagens passam para se adaptar, quando teria sido mais fácil abandonar os planos e comprar um apartamento (ou, alegoricamente, abandonar os preceitos judaicos e ficar receptivos a outras pessoas e grupos sociais), o conflito se desfaz e o resultado parece satisfatório para a personagem, ou seja, mesmo que passando por todas as dificuldades valera a pena manter-se judia e reconciliar-se com o passado e a herança que recebera de sua família. Note-se que a herança foi mantida, mas passou por uma série de mudanças (a casa fora quase completamente renovada). O único item que não mudou foi o telhado, que continuava sujo e velho. Este é um detalhe importante de notar, se pensarmos na leitura que foi proposta.

O narrador nos informa que uma vizinha elogia a casa, pois tinha ficado muito bonita e só não entendia o porquê de não terem mexido no telhado. A personagem responde que o telhado é a cabeleira da casa, uma senhora já de idade, e que se deve respeitar os cabelos de uma pessoa idosa. Essa resposta em particular nos interessa por, de certa forma, sintetizar nossa análise de que essa aceitação da herança pela personagem é legítima e encarada em toda a dificuldade e responsabilidade que impõe no início, mas que ao mesmo esta herança é renovada pelos jovens, que fazem com que ela fique mais parecida com suas necessidades. Assim, o telhado aqui parece remeter ao que é imutável, ao que permanece

sendo o mesmo até o fim, talvez a essência, àquilo que importa de fato. É essa a posição final da personagem, uma reconciliação com a tradição que ela quis abandonar, mas que se tornou o seu valor e lugar no mundo. Essa tradição mantém suas regras, ainda que o tempo passe e algumas práticas culturais do lugar mudem, há o peso de tradições que não podem ser mudadas, e que enfim ela consegue aceitar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o pressuposto de Ricardo Piglia (PIGLIA, 2004) de que um conto sempre trata de duas histórias, podemos afirmar que a história um é a de que uma jovem recebe de seu pai uma casa como herança, que fica mais aparente e acessível à maioria dos leitores. A história dois trata de como uma jovem lida com a herança cultural e social judia que recebe de seu pai, história menos explícita e acessível apenas aos leitores que descobriram os referentes simbólicos que aludem à cultura judaica. Podemos pensar também que é um retrato de uma parcela da sociedade judaica feita de alguém que pertence ao grupo, pois a autora também tem origem judaica.

Em relação à estrutura, o conto “Uma forma de herança” desloca a leitura que normalmente é feita do texto literário, pois dá um valor diferenciado ao espaço em que a trama se passa, e sem que analisemos o espaço com cuidado o sentido se perde.

A partir da análise do conto, pensamos que este conto é o mais representativo do livro, por ser o mais extenso e por tratar um valor caro à literatura produzida por Cíntia Moscovich. O espaço da casa constitui uma representação de um espaço heterotópico de desvio, ao mostrar uma família judia ainda fechada para os outros e bastante apegada às suas tradições, pois seu comportamento representa um desvio à media das outras pessoas. Ao mesmo tempo, podemos apontar que a autora dá uma contribuição de seu ponto de vista sobre a religião direcionada especialmente para o público judeu, que gosta de conhecer sua tradição revisitada na literatura e então o *habitus* faz com que os leitores preferenciais (aqueles que terão acesso aos sentidos totais do texto, que exige essas informações básicas sobre judaísmo) sejam judeus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. Espaço Social e Poder Simbólico. In: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRANDÃO, Luiz Alberto. **Teorias do espaço literário**. Perspectiva: Belo Horizonte, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.
- GUTTMANN, J. **A filosofia do judaísmo: a história da filosofia judaica desde os tempos bíblicos até Franz Rosenzweig**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FOUCAULT, M. *Outros espaços*. In: **Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- MOSCOVICH, C. **Essa coisa brilhante que é a chuva**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- PIGLIA, R. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

Artigo recebido em março de 2015. Aprovado em julho de 2015.